

BULLYING E A NEGAÇÃO DA CONVIVÊNCIA ÉTICA: QUANDO A VIOLÊNCIA É UM VALOR

Luciene R. P. Tognetta

FCL/UNESP – Araraquara Brasil

lrpaulino@uol.com.br

Telma P. Vinha

FE/Unicamp – Brasil

telmavinha@uol.com.br

José María Avilés Martínez

Universidad de Valladolid – España

aviles@uva.es

<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2014.n1.v7.802>

Fecha de Recepción: 20 Febrero 2014

Fecha de Admisión: 30 Marzo 2014

ABSTRACT

Current studies on bullying indicate the moral nature of this particular form of violence. Different researches indicate that the problem related to the formation of ethical personalities and thus indicate how schools, propitious local to the greatest manifestation of such acts, need to know the moral development of its students to propose interventions that allow the construction of values by moral subjects involved in these situations. So, the objective of this article, starting with hypothetical situations created from reports of students, is to understand the dynamics of these relationships for discussion of the phenomenon in question and propose more qualitative interventions to overcome the problem.

Keywords: bullying, moral values, ethical personalities.

RESUMO

Estudos atuais sobre o bullying indicam a natureza moral desta forma de violência particular. Diferentes pesquisas apontam para o problema relacionado à formação de personalidades éticas e assim indicam o quanto as escolas, locais propícios embora não únicos para a maior manifestação de tais atos, necessitam conhecer o desenvolvimento moral de seus alunos para propor intervenções que permitam a construção de valores morais pelos sujeitos envolvidos nessas situações. Assim, tem-se como objetivo neste artigo, partindo de situações hipotéticas criadas a partir de relatos de alunos, compreender a dinâmica dessas relações para discussão do fenômeno em questão e a proposta de intervenções mais qualitativas para a superação do problema.

Palavra-chave: bullying; valores morais; personalidades éticas.

BULLYING E A NEGAÇÃO DA CONVIVÊNCIA ÉTICA: QUANDO A VIOLÊNCIA É UM VALOR

Questões de educação são relevantes hoje, em tempos líquidos, quando as relações são rápidas e o conhecimento também parece estar diluído em tantas informações, sem mais distinção de tempo ou de espaço. Por isso faz diferença termos pessoas interessadas em temas como o *bullying*.

O fato de o tema ter conquistado tamanho espaço na mídia, em decorrência de casos que geram indignação de muitos ao verem os malefícios, por vezes silenciosos, causados às crianças e adolescentes, tornou o *bullying* assunto de interesse de todos – ou quase todos – da sociedade. Essa forma específica de violência merece nossa atenção exatamente pela complexa dinâmica das relações em que acontece. Esse problema é potencializado por valores presentes na pós-modernidade, os quais não evocam tolerância, justiça e respeito, como idealizamos, mas ter virilidade, força física e um corpo bonito; estar na moda; ser famoso. Todavia, não é primeiramente por influência desses valores que o *bullying* acontece, já que esta forma de violência depende de aspectos cuja natureza seja interior, ou dito de outra forma, como o sujeito se vê na relação com o outro e como se sensibiliza e equaciona os valores morais na relação com o outro. Antes de ser um preconceito, como tratado por diferentes ciências, o *bullying* é uma dinâmica profunda e sistemática que exige entendimento e compreensão da sua natureza psicológica (Avilés, 2006, 2013; Tognetta, 2010, 2012; Tognetta y Rosário, 2013; Tognetta y Vinha, 2009).

As primeiras pesquisas sobre o tema foram realizadas na década de 1980, pelo norueguês Dan Olweus (1993). Desde então diferentes pesquisadores no mundo todo (Almeida, Lisboa, y Caurcel, 2007; Blaya, 2006; Cowie y Smith, 2002; Morita, 2002, entre tantos outros) têm pensado no diagnóstico desse tipo de violência, cujas características são tão peculiares. Na década de 1990, tiveram início no Brasil pesquisas cujo objetivo era explicar e mapear o problema (Fante, 2005; Fisher, 2010; Frick, Menin, y Tognetta, 2012; Tognetta, 2010; Tognetta y Vinha, 2009, entre outros). Muitas vezes, ainda nos surpreendemos com professores que, mesmo diante do diagnóstico na escola, não acreditam que exista um problema relacional tão escondido quanto aqueles que encontramos ao investigarmos. Em uma pesquisa recente (Tognetta y Rosário, 2013) foram entrevistados 2600 sujeitos para caracterizar o *bullying* como problema moral. A investigação apontou o quanto autores de *bullying* carecem de sensibilidade moral ao mostrar que tais sujeitos são os que mais se desengajam moralmente ao justificarem as ações de *bullying* contra alguém, reiterando assim o quanto é preciso investir na formação moral de nossos jovens.

Definitivamente, o fenômeno *bullying* representa um perigo. Porém, não um perigo que deve ser tratado como crime, mas sim como um problema moral, uma vez que apresenta substratos de violência e de ausência de respeito (Tognetta y Rosário, 2013).

CENAS DO COTIDIANO DA ESCOLA

Este artigo objetivou elucidar, a partir de cenas cotidianas que acontecem na escola, as características do *bullying*. Foram criadas situações hipotéticas, a partir de relatos de alunos que protagonizaram tais experiências, em forma de diálogos que denotam a presença dos envolvidos diretos em problemas de *bullying* e outros que indiretamente são afetados pelo problema como pais, professores e direção. São apresentadas três cenas.

A primeira delas apresenta uma cena em que podem ser percebidos os envolvidos numa situação de conflito e, assim, explicitadas as características de alvos, autores e espectadores de *bullying*. A segunda cena traz à tona uma importante constatação nas escolas brasileiras: o quanto os problemas entre pares não são relevantes para professores. E finalmente, a terceira cena, em que se indica uma situação de *cyberbullying*, permite discutir sobre o papel das instituições de ensino em demandas como as novas tecnologias e seus maus usos.

Esses três relatos apresentam situações comuns em nosso cotidiano escolar. Porém, por trás de cada relato há uma constatação da necessidade de que tal problema seja erradicado das relações

entre os pares. Esses relatos são analisados à luz de investigações recentes que se propuseram a compreender a natureza psicológica do problema e apontar pistas para as intervenções que a escola pode tomar.

A primeira cena:

“Ei, olha só, Paulo, até o nome dela é de bruxa: Gabriele Beatriz Valentini. Ninguém merece esse nome”.

“Nem ligue! Eles fizeram igual comigo ano passado”.

“Bruxa nariguda”.

“Cale a boca, seu idiota! Você tem problemas mentais! Pare de me irritar!”.

“Eles são mesmo uns idiotas”.

“Se enxerga, bruxa nariguda”.

“Professora, olha o Murilo”.

“Eu não estou fazendo nada, professora”.

“Santa vítima, não é, Murilo?” (risos).

“E não é a primeira vez que isso acontece! Estou cansada, todo mundo tirando sarro de mim. Até a minha mãe veio conversar no Colégio! Eu não aguento mais”.

“Gabriele, pare de pensar nisso! É porque você liga! Ignore ele”.

“Como?” (toca a sineta).

“Bom, pessoal, para próxima aula, tarefa da página 34. Eu quero bem feita, está bem?”.

“Ah, profe, por que a lição?”.

“A gente precisa fazer lição para aprender”.

“Mas a gente já aprende na escola”.

“Mas a gente vai aprender mais em casa”.

“Olha só, devolve a cadeira para ela”.

“Não me enche”.

“Professora, o Paulo pegou a minha cadeira e eu não tenho onde sentar”.

“Gabriele, tem uma carteira ali no fundo da sala; vá buscar”.

Essa narrativa apresenta de forma clara o quanto o *bullying* pode passar despercebido aos olhos da autoridade. Talvez o educador sequer saiba as características que deveriam ser observadas nas relações que poderiam caracterizar-se *bullying* e entenda tal situação como uma “simples brincadeira”. Assim sendo, não é por acaso que o *bullying* se constitui um grande problema para as escolas. De um lado, professores que desconhecem o fenômeno, suas características e intervenções docentes e, do outro, crianças e adolescentes que sabem das regras de respeito e tolerância dentro do ambiente escolar e que não as cumprem. Esse segundo fator também merece uma breve análise. Ter regras estabelecidas e afixadas em locais públicos para conhecimento dos alunos, como muitas escolas o fazem, não garante que as mesmas sejam cumpridas. A regra precisa ser validada pelo aluno, para que ele encontre sentido em cumpri-la. Por isso que é tão necessário que elas sejam construídas conforme sua necessidade e com a participação do aluno. Dessa maneira, o aluno tem a oportunidade de entender o princípio regente da regra estabelecida e, com isto, ele poderá incorporá-la a suas atitudes (Almeida, 2008; Tognetta y Vinha, 2009).

Não se trata, portanto, de desconhecimento de regras de convivência. É algo muito além disso, eles participam de uma dinâmica em que existe menosprezo, intimidação, ameaça, agressões físicas e verbais cometidas contra alguém repetidas vezes. E essa é a primeira característica do *bullying* a ser destacada. Uma única ameaça ou agressão física, embora seja um tipo de violência, não caracteriza *bullying*. A vítima de *bullying* sofre cotidianamente diferentes formas de agressão: uma rasteira, sustos, intimidação, apelidos, menosprezo. Assim, existe intenção de ferir por parte do agressor. O autor do *bullying* costuma ser perspicaz, conhece a fragilidade daqueles a quem tem a

BULLYING E A NEGAÇÃO DA CONVIVÊNCIA ÉTICA: QUANDO A VIOLÊNCIA É UM VALOR

intenção de ferir. No entanto, falta-lhe sensibilidade moral. O *bullying* envolve, portanto, um pressuposto afetivo, não apenas cognitivo, que é a comoção em relação ao estado psicológico do outro (Tognetta, 2010, 2012; Tognetta y Vinha, 2009). Além disso, autores de *bullying* têm uma hierarquia de valores invertida; para eles, tolerância ao diferente, humildade, misericórdia e generosidade estão abaixo do poder de ser “garanhão”, de ser “o bom” da turma. Esses últimos são valores já incorporados à cultura em que vivemos. Há um alvo frágil, em geral indivíduos que se diferenciam do padrão estabelecido. Apesar disso, nem toda pessoa de baixa estatura, negra ou usuária de óculos é vítima de *bullying*, porque do ponto de vista psicológico há, nessa relação, uma dinâmica que faz a criança ou o adolescente colocar-se numa posição de vítima, fragilizar-se e não ter forças para lutar contra seu agressor. Embora tente, quem sofre *bullying* não detém instrumentos capazes de cessar a agressão. A vítima se coloca nessa situação inconscientemente; é como se consentisse em ser tratada daquela forma porque se vê diferente. A tomada de consciência seria exatamente o que destituiria esse papel assumido por ela.

Outra característica do *bullying*, diferentemente do que algumas pessoas pensam, é a simetria de poder, ou seja, ninguém tem mais poder ou autoridade sobre o outro. Se o professor menospreza, intimida e apelida o aluno; se o diretor intimida, menospreza e rebaixa um professor; se o pai faz isto com o filho, ou se o aluno, por exemplo, risca o carro do professor, são violências, mas não *bullying*.

O grande perigo do *bullying* se relaciona a um terceiro personagem presente nessa dinâmica de relações e que faz toda diferença para que ela aconteça: o público que ri, que não consegue se indignar com a situação vivida pelo colega que está recebendo as ameaças, muitas vezes por medo de ser a próxima vítima, pensando: “É melhor que mexam com ele e não comigo!”. Esse público fica do lado do mais forte. Há algo nessa dinâmica que faz com que o *bullying* seja de fato um grande perigo (Avilés, 2006; Avilés y Casares, 2005). Alfred Adler, na década de 1920, apresentou a necessidade de termos valor aos olhos dos outros, de termos uma boa imagem, independentemente de sermos brasileiros, argentinos, suíços, alemães, ricos ou pobres, tenhamos um mês ou 99 anos de idade. Como escreveu Wallon, “o *socius* ou o outro é um parceiro perpétuo do eu na vida psíquica” (Tognetta y Vinha, 2009). É como se o outro funcionasse como um espelho em que me vejo, e essa imagem refletida de mim mesmo formasse as imagens que se tem de si. Uma vítima de *bullying* vê, num espelho quebrado, a imagem distorcida de si e se sente com pouco valor, alguém que não pertence a um grupo social. Do ponto de vista psicológico, o *bullying* é uma dinâmica brutal porque quebra a formação da identidade das crianças e dos adolescentes (Avilés, 2006; Tognetta y Rosário, 2013).

Um samba de Cartola, interpretado por Clara Nunes, dizia: “Em Mangueira quando morre um poeta todos choram. Vivo feliz em Mangueira porque sei que alguém há de chorar quando eu morrer”. Essa canção mostra a necessidade do ser humano de conviver com o outro e ser reconhecido por ele. Meninos e meninas que sofrem *bullying* querem apenas o reconhecimento alheio do seu próprio valor. Entretanto, meninos e meninas que cometem *bullying* também estão à procura desse reconhecimento, mas, do ponto de vista psicológico, sua hierarquia de valores é invertida porque carecem de sensibilidade moral, o que se configura como grave problema educacional, cotidiano, mas às vezes considerado brincadeira.

Outro aspecto do *bullying* é a existência do que Dan Olweus (1993) chamava de “vítima provocadora” – uma criança que atrai reações agressivas, mas não tem instrumentos suficientes para lidar com o problema que provoca. Ela bate, chora, xinga e depois é *vitimizada* (Fante, 2005). Ela sofre porque lhe faltam instrumentos capazes de superar a violência. A narrativa a seguir mostra as intervenções comuns de educadores a tais casos.

Segundo relato:

"Vou te esganar, Miguel".

"Mas eu num estou fazendo nada. Para de correr atrás de mim, Thiago".

"Nem doe".

"Da próxima vez não vai ser com uma régua, não, viu?"

"Miguel não vai jogar bola hoje".

"Quem você pensa que é, Thiago? Ele joga se quiser".

"É, o Thiago acha que é o dono da bola".

"É que o Miguel só chuta bola pra fora, não sabe jogar nada".

"Mas custa tentar?" (risos).

"Vou esganar este teu pescoço, eu juro".

"O pior é que eu não fiz nada".

"Nem ligue, ele não vai fazer nada com você".

"É, a gente está com você".

"Deixa todo mundo sair que eu vou te dar um murro, Miguel".

"O quê? Ninguém vai dar murro em ninguém na sala de aula".

"Professora, ele fica mostrando o dedo pra mim".

"Eu não estou mostrando dedo nenhum".

"Thiago, vai lá à diretoria reclamar dele, não quero confusão".

"Vou lá mesmo professora. Melhor do que bater, não é?"

"Sim, muito melhor do que bater".

"Thiago, seu mentiroso, devia cuidar do seu próprio nariz!"

"A professora não percebe nada, mesmo".

"Você não me escapa".

"Professora! Olha o Thiago me ameaçando".

"Chega, chega!"

"Eu? Está louco moleque?"

"Agora deu! Não quero mais confusão, estão ouvindo?"

"Seu otário, dedo-duro!"

Esquecemos que a convivência é um conteúdo necessário à formação do ser humano. Os problemas vividos pelos alunos muitas vezes não são vistos pelos professores porque estes estão mais preocupados com os conteúdos acadêmicos do que com a dinâmica da sala de aula (Tognetta y Vinha, 2009, 2013). Infelizmente, os problemas que nos chegam são, na maioria das vezes, ligados à indisciplina ou à incivilidade. Ameaças, menosprezo e falta de respeito entre alunos são situações que não nos atingem diretamente.

Comumente, o professor transfere o problema para terceiros (orientadores, coordenadores e diretores), esquecendo-se que a ética é um conteúdo da escola também e, por conseguinte, sua responsabilidade. A sala de aula, com isto, torna-se apenas um espaço para conteúdos e não para convivência. E esta aprendizagem (da convivência), que deveria ocorrer sob o olhar de especialistas, os educadores, para se chegar à construção da ética, não acontece como e onde deveria. Se esses meninos pudessem aprender a conviver dentro da sala de aula, ao certo levariam esta aprendizagem para fora dela.

Uma situação ocorrida no Brasil há algum tempo nos permite pensar o quanto o cuidado com a convivência escolar é urgente e necessário. Uma família, que teve seu filho vitimizado em situação de *bullying*, processou a escola. Logo na primeira instância, o juiz deu ganho de caso aos pais. A escola, por direito, recorreu até a terceira instância, porém, sem sucesso. Ao fim do processo, o juiz fora questionado sobre o motivo de tais perdas da causa considerando que a escola tudo fez ao

BULLYING E A NEGAÇÃO DA CONVIVÊNCIA ÉTICA: QUANDO A VIOLÊNCIA É UM VALOR

saber dos problemas vividos: conversou-se com os alunos, aconselharam-se os pais a mudarem o filho agressor de escola, sugeriu-se acompanhamento psicológico à vítima, puniu-se o agressor com suspensões das aulas. A resposta do juiz foi categórica: “Não quero saber o que vocês fizeram depois, mas o que vocês fizeram para prevenir o problema”. Assim, se o *bullying* é um problema de falta de respeito, um problema ético, o que temos feito em nossas escolas para dar conta deste problema que pode acontecer dentro ou fora delas?

Terceiro relato:

“Oi, diretora. Bom, eu vim pra falar do João. O meu filho vem sendo perseguido na saída da escola pelos colegas da turma dele. A semana passada mesmo o João me mostrou um blog na internet intitulado ‘As aventuras de João, o lesado’. Lá existiam imagens do meu filho em forma de tirinhas, sabe? As crianças tiram fotos pelo celular e colocam tudo na internet. Embaixo das fotografias, inúmeros e inúmeros palavrões. Olha, diretora, ontem mesmo na saída da escola o meu filho estava andando, tropeçou, caiu e se machucou feio. Os meninos filmaram e colocaram na internet. Eu não sei o que fazer. Ele está muito magoado, ele está sentido. As crianças apontam, riem dele. E ele não quer mais vir pra escola, diretora. E muito menos ele quer sair de casa. Por favor”.

“Olha, isso é um absurdo mesmo. Eu entendo a senhora, mas a senhora tem que entender que isso está fora da escola, ficamos de mãos amarradas por isto, mesmo assim eu tentarei conversar com os alunos e descobrir quem tem participado dessa brincadeira. Temos trabalhado com o cyberbullying na escola. No semestre passado, convidamos uma advogada especialista e ela veio conversar com os alunos e dar uma palestra sobre as leis que se aplicam a essas coisas da internet. Ela explicou também as penalidades que se aplicam a essas brincadeiras na rede. Olha, o melhor mesmo que a senhora tem a fazer é fazer um Boletim de Ocorrência”.

“A senhora acha que eu devo ir à polícia?”.

“Acho, acho que sim. Mas antes, imprima tudo o que puder, documente tudo, salve esse vídeo leve todas as provas. Olha, a senhora também deveria conversar com o João. A professora me disse que ele sempre reage, xingando e chorando. A nossa coordenadora até tentou conversar com ele, mas parece que não adianta. A forma como o João reage a essas provocações, ele só alimenta ainda mais”.

A escola se mostra fechada mesmo em tempos em que não existe diferença de tempos e espaços. O *cyberbullying* é um problema atual com as mesmas características do *bullying*. No entanto, ele não precisa apresentar repetição. Avilés (2013) o definiu como uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas “através das novas tecnologias de informação e de comunicação em espaços virtuais”.

Basta um toque ou um comentário postado para o problema estar presente. O *cyberbullying* também é um problema da escola, embora a solução dele muitas vezes exija levá-lo a outras instâncias. Torna-se urgente compreender que o *cyberbullying* e o *bullying* podem ser vencidos não com cartilhas ou com advogados conversando com os alunos (Avilés, 2013; Tognetta y Vinha, 2013). Numa pesquisa recente (Tognetta y Bozza, 2012), perguntamos aos meninos se eles conheciam as consequências por desrespeitar alguém na internet; 99% deles sabiam as consequências. Não é, portanto, um problema de falta de regras, mas na formação da identidade desses meninos, que vai perdurar enquanto eles não aprenderem a dizer o que sentem um para o outro. É preciso que quem medie os conflitos esteja atento à dificuldade da vítima e seja capaz de despertar nela a indignação. É preciso chamar o agressor e, com firmeza, assegurar o princípio do qual não se abre mão: “Não se faz isso com as pessoas; o que você pode fazer para reparar o seu erro? O que você vai fazer para que ... (a vítima) não sofra mais?”. É preciso dar voz à vítima quando esta se sentir fortalecida: “Diga para ... (o agressor) o que você sente”. Não se trata de um simples jogo de palavras: falar o que se sente dá ao sujeito a possibilidade de se perceber como alguém de valor. O aluno

percebe seu valor quando a escola promove assembleias semanais, faz avaliações diárias das quais ele participa ativamente, podendo dizer para o professor que não gostou de algo que aconteceu na escola. Nessas assembleias, a vítima de *bullying* se torna alguém que tem força para dizer, e o autor de *bullying* percebe que a perseguição que ele causa não é vista com bons olhos pelos colegas, que votarão uma regra que, por exemplo, proíba os apelidos ou xingamentos.

CONCLUSÕES

Enquanto não tivermos um projeto de formação de professores para pensar sobre o problema do *bullying*, que se relaciona inclusive à dificuldade de resolver problemas de indisciplina e outros tantos conteúdos da convivência dos alunos, e os professores estiverem apenas impondo regras sobre uso do boné ou celular na sala de aula, teremos dificuldades para vencer o problema. Enquanto não houver políticas públicas de formação de professores que favoreçam a compreensão do desenvolvimento humano, infelizmente, esse será um problema sem solução (Almeida, 2008; Del Rey y Ortega, 2001; Diaz-Aguado, 2005; Tognetta y Vinha, 2009).

Para entender e solucionar o problema da violência nas escolas é preciso que todos estejam envolvidos, principalmente os protagonistas da ação. Meninos e meninas precisam de espaços para a participação democrática. Casey Haynes, menino australiano que foi durante anos vitimizado pelos colegas por ser obeso, num momento de fúria reagiu a um de seus agressores, menor que ele, e o jogou no chão porque não aguentava mais tantos insultos que tinha recebido. Esse menino tornou-se um herói nas mídias por ter tomado coragem e recebeu mensagens de apoio de muitas outras vítimas de *bullying* no mundo todo, que se solidarizaram com ele. Entrevistado por um jornal australiano, solicitou-se que ele deixasse uma mensagem para meninos e meninas que, como ele, eram vítimas de *bullying*. Pensávamos que esse menino diria: “Tenham coragem e força, vocês podem resistir, não deixem que façam isso com vocês”. Não foi o que se viu: ao final da entrevista, ouviu-se: “A mensagem que eu deixo para todos os meninos e meninas que são vítimas de *bullying* no mundo é que aguentem, porque a escola há de acabar”.

Que escola é essa que não acolhe os problemas dos nossos meninos? Que escola é essa que não ajuda nossos meninos a enfrentarem seus medos? Resta-nos a certeza de que há muito que fazer. Sobra-nos o desafio.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. (2008). A vitimização entre pares em contexto escolar. En C. Machado y R. A. Gonçalves (Eds.). *Violência e vítimas de crimes: crianças* (Vol. 2, 3. ed. rev). Coimbra: Quarteto, 169-197.
- Almeida, A., Lisboa, C., y Caurcel, M. J. (2007). ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(2), 107-118.
- Avilés, J. M. (2006). *Bullying: el maltrato entre iguales. Agressores, víctimas y testigos en la escuela*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Avilés, J. M. (2013). *Bullying: guía para educadores*. Campinas: Mercado de Letras.
- Avilés, J. M. y Casares, I. M. (2005). Estudio de incidencia de la intimidación y el maltrato entre iguales en la educación secundaria obligatoria mediante el cuestionario CIMEI. *Anales de Psicología*, 21(1), 27-41.
- Blaya, C. et al. (2006). Clima y violencia escolar. un estudio comparativo entre España y Francia. *Revista de Educación*, 339, 293-315.
- Cowie, H. y Smith, P. K. (2002). Violência nas escolas: uma perspectiva do Reino Unido. En H. Debarbieux y C. Blaya (Eds.), *Violência nas Escolas: dez abordagens europeias*. Brasília: UNESCO, 247-268.

BULLYING E A NEGAÇÃO DA CONVÊNCIA ÉTICA: QUANDO A VIOLÊNCIA É UM VALOR

- Del Rey, R. y Ortega, R. (2001). Programas para la prevención de la violencia escolar en España: la respuesta de las comunidades autónomas. *Revista Interuniversitaria de Formación de Profesorado*, 41, 133-145.
- Díaz-Aguado, M. J. (2005). La violencia entre iguales en la adolescencia y su prevención desde la escuela. *Psicothema*, 17(4), 549-558.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus.
- Fischer, R. M. (2010). *Pesquisa: Bullying Escolar no Brasil*. Relatório Final. São Paulo: CEATS/FIA. Disponible en: <http://www.aprendersemmedo.org.br/docs/pesquisa_plan_relatorio_final.pdf>.
- Frick, L., Menin, M. S. S., y Tognetta, L. R. P. (2013). Um estudo sobre as relações entre os conflitos interpessoais e o bullying entre escolares. *Revista Reflexão e Ação*, 21(1), Disponible em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3318/2596>.
- Morita, Y. (2002). Violência na escola: uma abordagem japonesa. En E. Debarbieux y Blaya, C. (Eds.), *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Tognetta, L. R. P. (2010). Até quando? *bullying* na escola que prega a inclusão social. *Educação*, 35(3), 449-464.
- Tognetta, L. R. P. (2012). Vencer o *bullying* escolar: o desafio de quem se responsabiliza por educar moralmente. In: Tognetta, L. R. P. y Vinha, T. P. (Eds.). *É possível superar a violência na escola?* (pp. 100-115). São Paulo: Editora do Brasil.
- Tognetta, L. R. P. y Bozza, T. L. (2012). Cyberbullying: um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que adolescentes têm de si. *Nuances*, 23(24), 164-180.
- Tognetta, L. R. P. y Rosário, P. S. (2013). Bullying como um problema moral: representações de si e desengajamentos morais de adolescentes envolvidos em situação de violência entre pares. Relatório de pesquisa de Pós doutorado.
- Tognetta, L. R. P. y Vinha, T. P. (2009). Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. En J. L. Cunha y L. S. C. DANI (Eds.), *Escola, conflitos e violências*. Santa Maria: Editora da UFSM.
- Tognetta, L. R. P. y Vinha, T. P. (2013). Reconhecimento de situações de *bullying* por gestores brasileiros e as intervenções proporcionadas. En J. J. G. Linares et al. (Eds.), *Investigación en el ámbito escolar: un acercamiento multidimensional a las variables psicológicas y educacionales* (pp. 227-232). Almería, Espanha: Editorial GEU.